CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN

ORTEGA Y GASSET: UMA POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO NA ATUALIDADE[1]

Ortega y Gasset: Possible Contribuition to Education Today

Ortega y Gasset: una posible contribución para el encino en la actualidad

Rômulo José Oliveira[2]
Cláudio Marcondes de Castro Filho[3]

Resumo: este artigo apresenta as principais contribuições de José Ortega Y Gasset para o processo de ensino na atualidade. Fortemente influenciado pela filosofia neokantiana, o interesse aqui se volta ao filósofo enquanto pedagogo. Gasset, no transcorrer das fases que caracterizam seu percurso intelectual (Idealista, Vitalista e Maturidade), concebe o ato de estudar como sendo contrário à natureza humana, uma vez que a busca pelo saber deve ser originada da necessidade, não do desejo e, com isso, distingue o ensino da ciência (destinado ao estudante comum) da produção de pesquisa (destinada ao pesquisador). Diante dessa proposta, em sintonia com os problemas presentes, o presente artigo pretende repensar todo o processo de ensino à luz de uma proposta que considera a realidade histórico-geográfica como ponto de partida para uma necessária melhoria educacional.

Palavras-chave: Educação; Ensino; Ortega y Gasset.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, questiona-se: será Ortega y Gasset um pensador conhecido na atualidade? Há alguma relação entre sua biografia e seu pensamento? Existe a possibilidade de alguma contribuição dele para o processo de ensino na atualidade?

José Ortega Y Gasset (1883-1955)é filho de José Ortega Munilla e de Dolores Gasset. Nascido em Madri, capital espanhola que, no momento de sua produção filosófica, encontrava-se marcada por certo pessimismo, tristeza e angústia, advindas da perda de suas colônias, contribuindo para o denominado "Problema da Espanha" (SÁNCHEZ, 2010). Sua

[1] Este artigo é parte integrante do Mestrado em Educação, cujo projeto já foi aprovado pelo Comitê de Ética vinculado à FFCLRP/USP.

[2] Mestrando em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP/USP. Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa (2006). E-mail: romulojoliveira@yahoo.com.br.
[3] Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. E-mail: claudiomarcondes@ffclrp.usp.br.

Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

filiação é fortemente associada ao pertencimento representativo da política e da cultura de seu país. Tal característica é estendida ao ilustre herdeiro, de modo que Gasset cresceu inserido na cultura jornalística, ainda que ele mesmo tenha descrito de forma negativa a sua formação.

Quanto a este aspecto de sua biografia (formação), é válido salientar alguns nomes que, dentre outros, influenciaram seu pensamento. São eles: Kant (Crítica da Razão Pura), George Simmel (professor em Berlim), os alemães Hermann Cohen e Paul Natorp, ambos representantes do neokantismo. Afirma-se que a influência por parte destes dois últimos filósofos estendeu-se além da filosófica, alcançando a pedagógica e, inclusive, a influência enquanto pessoa e intelectual (SÁNCHEZ, 2010).

Considerado "um pensador actual que nos toca o espírito com extrema facilidade e leveza" (SOVERAL, 1970, p. 12), Ortega possui características peculiares em relação aos demais pensadores da história humana. Ainda que o conjunto de seu pensamento não possa ser considerado um sistema filosófico, é considerada vasta e ampla a sua produção escrita. O segundo aspecto que o particulariza é o fato de que seu pensamento é expresso comumente em artigos de jornal, cujos textos considerados mais importantes estão em forma de ensaios (SÁNCHEZ, 2010).

Ainda que a produção do pensador seja abundante e de importância ímpar à história da filosofia e para a humanidade em geral, o interesse aqui se volta ao filósofo enquanto pedagogo, uma vez que "a grande paixão de Ortega foi a educação do povo espanhol" (SÁNCHEZ, 2010, p. 12), cuja finalidade seja a reforma e a transformação da Espanha, resgatando suas características peculiares e integrando-a e elevando-a ao nível cultural da Europa, considerada por ele uma civilização modelo, enquanto interesse e promoção de uma cultura específica, sendo que, "para Ortega, a filosofia é teoria, e se é teoria é organização racional unificadora, ou, se preferimos, se é teoria é sistema; trata-se contudo de uma teoria interessada, ao *serviço do agir*" (SOVERAL, 1970, p. 16, grifo meu).

Segundo Dornas (2004), são vários os estudiosos que se dedicaram (e dedicam)à compreensão da proposta filosófica de Ortega como, por exemplo, Julián Marías (1959), seu principal discípulo, Luis Gabriel Stheeman (2000), Maria Teresa Lopes de laVieja (2000),

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

Felipe Ledesure (2001), José M. Sevilla (2002), Sánchez (1994)[4], além dos brasileiros Gilberto de Mello Kujawski (1964) e Ubiratan Macedo (2001).

Como é próprio da maioria dos pensadores ocidentais conhecidos e outros, o "inimitável professor de filosofia" (SOVERAL, 1970, p. 13) expressa seu pensamento a partir de seus escritos. E, com relação a Ortega, estamos nos referindo aos seus escritos pedagógicos. Assim, ainda que existam outras distinções, Sánchez (2010) indica três fases que caracterizam seu percurso intelectual relativo ao seu pensamento pedagógico: a *pedagogia idealista*, a *pedagogia vitalista* e a *pedagogia da maturidade*[5].

Primeira fase: A Pedagogia Idealista (ou o "Objetivismo")

Este período intelectual de Ortega ocorre entre 1910 e 1911. A primeira formulação estruturada sobre a educação do filósofo é marcada pela conferência realizada em Bilbao, no dia 12 de março de 1910, intitulada "La Pedagogia Social como Programa Político".

Nesta etapa, a palavra-chave é *cultura*. Aqui, ainda é evidente a influência da filosofia neokantiana em Ortega, a partir da qual o ser humano, enquanto realidade cultural, deve se adaptar aos ideais e valores universalmente aceitos e por ele construídos (SÁNCHEZ, 2010) e transcender a sua própria natureza de forma racional, sendo que

> superar sua natureza, seus impulsos sensíveis – os "direitos do coração" – e realizar sua racionalidade consciente: esse é o processo pelo qual o indivíduo (e todo o gênero humano) torna-se pessoa, isto é, realiza sua natureza (HILSDORF, 2005, p. 88-89).

[4]Conforme é possível de se constatar, optamos por utilizar como referência principal acerca da vida, obra e pensamento de Ortega y Gasset a obra de Sánchez (2010), também publicada em *Perspectives:* revuetrimestrallee'educationcomparée. Paris, Unesco: Escritório Internacional de Educação, v. 24, n. 1-2, p. 267-285, 1994.

[5] Sánchez (2010, p. 18), em nota de rodapé, indica outras distinções acerca das etapas intelectuais de Ortega. São: a) a de José Ferrater Mora (03 etapas): o objetivismo (1902-1914); perspectivismo (1914-1923); raciovitalismo (1923-1955); b) a de José Gaos (04 períodos): juventude (1902-1914); primeira etapa da plenitude (1914-1923); segunda etapa da plenitude (1924-1936); desterro (1936-1955). Outras classificações similares foram propostas por Morón Arroyo e Pedro Cerezo. Neste texto, optamos por utilizar das distinções propostas pelo próprio Sánchez e, simultaneamente, a proposta por Mora, conservada entre parênteses. Ainda que com algumas alterações nas datas, tais distinções se aproximam entre si.

Ainda sobre a influência de origem kantiana neste aspecto da obra de Ortega, Hilsdorf (2005) afirma:

> [...] enquanto intelectual-filósofo que investiga o que é e como se realiza a natureza humana, Kant (1724-1804) formula o conceito de 'perfectibilidade' do homem natural, que precisa ser realizado como ser moral pela cultura, quando afirma: 'Nós, de criaturas animais, somos feitos homens somente por meio da educação (HILSDORF, 2005, p. 87).

No tocante à reforma cultural, o pensador compara a proposta filosófica alemã com a realidade cultural espanhola e conclui apontando disparidades como, por exemplo, a busca do objetivo, do universal, do geral por parte da cultura alemã e o domínio do espontâneo, do subjetivo e do particularismo (sectarismo) espanhóis (SÁNCHEZ, 2010).

Nesse sentido, a Espanha, segundo Ortega, não se configura enquanto nação, por não possuir e não aspirar a tais ideais universalmente aceitos, propostos por Immanuel Kant e seus seguidores. Aqui estaria o primeiro passo para se solucionar o problema da Espanha: reconhecer a ausência de identidade cultural.

Ao se reconhecer a ausência de uma sólida identidade cultural na Espanha, o próximo passo seria a promoção da educação, compreendida, aqui, enquanto ações humanas que promovam evolução na realidade (SÁNCHEZ, 2010, p. 20) para, em seguida, determinar as funções da pedagogia (ciência da educação). Para esta, Ortega aponta dois momentos: determinar cientificamente o ideal de educação; e identificar meios para encaminhar o educando na direção do ideal.

Dessa forma, observa-se que Ortega propõe um movimento em que sedevepartir do homem empírico até se atingir o homem cultural e, portanto, social, mediante a pedagogia enquanto ciência da reconstrução social e cultural (SÁNCHEZ, 2010, p. 21), afinal, "la política se ha hecho para nosotrospedagogía social y el problema españolun problema pedagógico" (ORTEGA Y GASSET, 1910, p. 90).

Todavia, tal proposta de influência neokantiana não tardou a lhe causar insatisfação. Isso se deu a partir do momento em que Ortega constatou que a ideia perfeita de homem, enquanto ser produtor de cultura e realizador de ideais universais é uma abstração e, portanto,

desconsidera a realidade humana, tal como se manifesta no mundo. Tal fato gerou a próxima fase intelectual do pensador espanhol.

Segunda fase: A Pedagogia Vitalista (ou o "perspectivismo")

A duração desta etapa se dá entre 1911 e 1930. Nesta, a palavra-chave é *vida*, compreendida enquanto forma humana radical e espontânea de manifestar seu "eu real", concreto; eis, aqui, segundo Ortega, o ponto de partida para uma pedagogia transformadora.

Nesta, o filósofo constata que a vida é elementar à cultura, uma vez que esta é a manifestação da primeira e, portanto, posterior a ela. Tal convicção de Ortega se deu mediante a constatação de que "ao voltar os olhos para a realidade de seu país, depara com o fato de que suas características e peculiaridades estão na afirmação vigorosa da vida imediata e elementar" (SÁNCHEZ, 2010, p. 25).

Enquanto "substrato biológico do qual procedem todos os impulsos e energias que fazem o homem agir" (SÁNCHEZ, 2010, p. 25), a vida é, nesta fase intelectual do filósofo, a realidade a partir da qual se dá o ponto de partida para uma ação educacional com vista à transformação cultural da Espanha, tão almejada pelo filósofo. Isso pelo fato de que, segundo o pensador, é a cultura que está a serviço da vida e não o oposto. Para justificar tais afirmações, Ortega baseia-se em dois argumentos:

a) nos organismos biológicos, há funções mais vitais que outras;

b) a vida radical (concreta) é criadora de cultura.

Assim, ao contrário do que se admitia na etapa intelectual anterior, a cultura está em segundo plano (e não no ponto de partida), portanto, subsequente à vida concreta.

Contudo, esta ainda não é considerada, segundo Sánchez (2010), a fase que manifesta a maturidade intelectual de Ortega.

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

Terceira fase: A Pedagogia da Maturidade (ou o "raciovitalismo")

Nesta fase derradeira, manifestada a partir de 1930, Ortega procura equilibrar os elementos que, anterior e aparentemente, duelavam-se: a cultura e a vida.

Segundo Sánchez (2010), no artigo intitulado *Um rasgo de la vida alemana* (1906, p. 199-203), Ortega, apesar de afirmar que o ser humano é capaz de se tornar o que deseja ser, aponta uma limitação de tal possibilidade: o contexto cultural e social concreto. Isso se dá pelo fato de que, embora a dimensão cultural possa ser a que permite ao ser humano transcender suas possibilidades existenciais, também o cerceia, justamente pelo fato de que todos nascem já com um universo cultural já construído por outrem. Nesse sentido, Ortega expressa a necessidade de o ser humano posicionar-se diante desse caráter ambíguo da cultura a partir de duas ações: inicialmente, a de *crítica* (especialmente no tocante aos aspectos culturais herdados) e, posteriormente, a de *transcendência* a ela, isto é, ultrapassando os limites e possibilidades impostas ao homem do momento histórico em questão. Eis, aqui, o que Ortega concebe como sendo "[...] viver verdadeiramente, viver na cultura do seu próprio tempo" (ORTEGA Y GASSET, 2002, p. 18).

Diante da tentativa de conciliação entre os elementos *cultura* e *vida* como essenciais ao processo de melhoria da situação cultural e educacional da Espanha de seu tempo, Ortega apresenta sua concepção de ensino, presente no texto "Sobre elestudiar y elestudiante" (1933): *"Ensinar é, primária e fundamentalmente, mostrar a necessidade de uma ciência, e não ensinar a ciência cuja necessidade seja impossível fazer com que o estudante sinta"* (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 10).

Aqui, vale destacar o que interessa diretamente a esta pesquisa: *ensinar é despertar no estudante a necessidade de uma ciência*, compreendida como explicação acerca de dúvidas e questionamentos feitos pelo ser humano no decorrer de sua história. Ou, ainda, ensinar não é ensinar conhecimentos científicos, conteúdos acumulados no transcorrer histórico da produção científica, uma vez que, segundo Ortega, é impossível queo aprendiz sinta naturalmente tal necessidade.

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

Desse modo, a núcleo do processo de ensino não se dá na transmissão de conteúdos historicamente acumulados que, segundo Ortega, normalmente não é o foco de interesse do estudante, afinal, se assim o fosse, a postura em questão seria a de passividade e/ouquase inércia diante do saber. Mas, a essência do processo, isso sim, dá-se no despertar, no estudante, a necessidade de se recorrer à ciência enquanto prática intelectual humana que procura responder às questões, questionamentos e incompreensões nascidos no decorrer da própria existência, na busca humana por respostas a perguntas provindas da necessidade de compreender a si mesmo e ao mundo que o rodeia.

Diante dessa afirmação orteguiana, evidencia-se a razão de ser das instituições de ensino: administrar a inquietação do ser humano em busca de respostas a problemas existenciais experimentados por ele. Aqui, segundo Ortega, enquanto instituição de ensino, a universidade, esquivou-se de promover o ensino da cultura "(...) deixando de transmitir ideias claras e precisas sobre o universo, convicções positivas sobre o que são as coisas e o que é o mundo" (SÁNCHEZ, 2010, p. 30).

Contudo, diante do que foi exposto, pergunta-se: segundo o filósofo espanhol, qual a missão da universidade enquanto instituição de ensino e formadora de profissionais que também se dedicam ao ensino? Objetivamente, provém a resposta: "transmitir cultura, ensinar as profissões, realizar a pesquisa científica e formar novos pesquisadores" (SÁNCHEZ, 2010, p. 30). Assim, para que essa missão se efetive e se concretize, Ortega propõe o "princípio da economia" enquanto princípio regulador do processo de ensino promovido pela universidade, sendo que "[...] atualmente, para viver com segurança e conforto, o homem precisa aprender uma quantia imensa de coisas e, ao mesmo tempo, possui capacidade individual extremamente limitada para aprender" (SÁNCHEZ, 2010, p. 31).

Dessa forma, Ortega reconhece a incapacidade humana em conhecer tudo o que foi historicamente acumulado enquanto conhecimento e, diante disso, propõe, pelo princípio da economia do ensino, que a pedagogia selecione saberes fundamentalmente necessários ao aprendiz histórico, de modo a facilitar a aprendizagem, afinal, *"[...] é preciso ensinar apenas o que se pode ensinar, ou seja, o que se pode aprender"* (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 73).

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

Nesse sentido, o pensador propõe um ensino que considera dois fatores: as capacidades e as necessidades humanas.

Ainda relativo à busca de Ortega por equilibrar os dois elementos nucleares do processo de ensino (cultura e vida), o filósofo indica uma realidade a ser considerada pela universidade: produzir ciência não equivale a ensinar ciência. Aqui, para que a tão almejada reforma cultural da Espanha se efetive, mediante a transformação das práticas educacionais, urge distinguir tais ações, de forma que a universidade não obrigue a todos os que a compõem a se dedicar exclusivamente à pesquisa, deixando para segundo plano o processo de ensino da cultura (SÁNCHEZ, 2010, p. 32).

Nas palavras do filósofo espanhol, eis o perfil e a missão fundamental da universidade:

> 1º) entender-se-á por Universidade, *stricto sensu*, a instituição onde se ensina ao estudante médio a ser um homem culto e um bom profissional;
> 2º) a Universidade não admitirá qualquer impostura em seus usos, isto é, que só pretenderá do estudante aquilo que pode ser exigido;
> 3º)evitar-se-á, por conseguinte, que o estudante médio perca parte de seu tempo fingindo que vai ser cientista. Para este fim, será eliminada do centro da estrutura universitária a pesquisa científica propriamente dita;
> 4º)as disciplinas de cultura e os estudos profissionalizantes serão oferecidos pedagogicamente racionalizados – de uma maneira sintética, sistemática e completa- não da forma que a ciência abandonada a si mesma preferiria: problemas especiais, "fragmentos" de ciência, ensaios de pesquisa;
> 5º)o lugar que o candidato ocupa, na condição de pesquisador, não influirá na eleição do professorado, mas sim seu talento sintético e suas qualidades como professor;
> 6º) a Universidade será inexorável em suas exigências para com o estudante, se o rendimento de sua aprendizagem for reduzido ao *minimum* em quantidade e qualidade (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 113-114).

Assim, de forma a qualificar o processo de ensino e, simultaneamente, valorizar o esforço e a dedicação e o rigor inerentes à ciência, Ortega separa as duas vertentes da universidade: a *profissionalização*, enquanto habilidade de exercer uma profissão a partir de uma preparação teórica e/ou prática e a *pesquisa*, compreendida enquanto ação intelectual em busca de saberes.

Ainda que a proposta pedagógica de Ortega não possa ser concebida como um sistema pedagógico, esta seria, segundo Sánchez (2010), a última etapa intelectual do filósofo, sendo que, a partir de 1936, ele se exilara voluntariamente na América e na Europa, devido à Guerra Civil Espanhola e, com isso, Ortega diminui sua produção.

Diante do que foi escrito anteriormente, constata-se que Ortega tinha duas motivações básicas, ao propor seu pensamento pedagógico: a "transformação da realidade sociocultural espanhola" ("questão espanhola") e a convicção de "ter por vocação reformar e modelar a nova sociedade e o novo homem espanhol" (SÁNCHEZ, 2010, p. 34). Daí a amplitude da influência de seu pensamento nos diversos âmbitos sociais, tais como o *acadêmico*, no qual é considerado a personalidade mais influente da filosofia espanhola do século XX, o *pedagógico*, atraindo discípulos tais como Lorenzo Luzuriaga, Julián Marías, JoaquínXirau e María de Maeztu) e o *extrauniversitário*, com a fundação da *Revista de Occidente*, além das influências nos países do Cone Sul (Argentina, Chile e Uruguai) e Porto Rico, país no qual a universidade colocou em prática alguns dos princípios e ideias apontadas por Ortega na obra *Missão da universidade* (cf. SÁNCHEZ, 2010, p. 36).

O Pensamento Pedagógico de Ortega y Gasset e sua Contribuição ao Ensino

Um elemento característico do expoente espanhol é a sua preocupação com a reforma universitária espanhola que, em relação ao modelo europeu, é fortemente caracterizada por uma fisionomia "homogênea" (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 56). Tal homogeneidade é justificada com a constatação de Ortega em relação à frequência às universidades: jovens economicamente abastados, caracterizando a universidade europeia e, por sua vez, a espanhola como sendo uma oportunidade privilegiada, destinada a poucos.

Ortega nos apresenta seu posicionamento, de forma inicial, ao afirmar o ensino superior enquanto possuidor de dois grandes escopos: a *profissionalização* e a *pesquisa*. Destaca-se que o pensador transcorre seu posicionamento e proposta na maioria das vezes relacionando essas duas funções sociais de toda instituição universitária, constantemente relacionando-as com o contexto no qual ela se vê inserida.

Para isso, Ortega considera a aptidão pela ciência como possuindo maior valor em relação à preparação dos demais profissionais na sociedade. Todavia, há que se destacar que o quadro volativo por parte dos que à ciência se dedicam não se dá pelo fato de ser uma atividade superior em si mesma, mas, por ser "especialíssima e infrequente" (ORTEGA Y

GASSET, 1999, p. 60), portanto, destinada a poucas pessoas que formam a teia social de um país, uma nação.

Contudo, é válido questionar se a preparação para o exercício da profissão e de dedicação à ciência são as únicas razões que justificam a existência da universidade. Ortega nos aponta uma terceira possibilidade: a *formação do homem íntegro*, mediante o ensino da cultura enquanto sistema de ideias acerca das coisas e do mundo. Assim, de forma sintética, são de responsabilidade da universidade (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 70):

a) transmissão da cultura;

b) ensino das profissões;

c) pesquisa científica e formação de novos homens de ciência.

No que se refere à reforma universitária, Ortega institui um elemento a partir do qual todo o processo transformador da universidade espanhola ganha validade e eficiência: a *autenticidade*. Segundo o pensador, para que a reforma seja profícua, o ponto de partida deve ser a própria realidade e, assim, "Em vez de ensinar o que, segundo um utópico desejo, *deveria* ensinar-se, é preciso ensinar*apenas* o que se *pode* ensinar, ou seja, o que se *pode aprender*" (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 73, grifos do autor).

Dessa forma, o filósofo espanhol indicia que a universidade e a escola, de uma forma geral, tem se dedicado ao ensino cujos resultados podem ser considerados negativos e pouco favoráveis à sua missão e função social. Isso se dá pelo fato de que, na atualidade, o ato de ensinar não tem como consequência o de aprender, isto é, no contexto paradigmático hodierno o exercício de ensinar não significa a comprovação de se aprender, devido a um fator específico: a humanidade, mediante o progresso científico e suas especialidades, acumulou uma enorme quantidade de saberes. E o acúmulo de tais saberes, adquirido no transcorrer da história, mais especificamente a partir do século XVIII, é um grande impedimento ao aprendizado, uma vez que "[...] se impunha saber muitas coisas, cujo número ultrapassava a capacidade de aprender [...]" (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 81), ou seja, o volume de informações excedia a capacidade humana de efetivar a aprendizagem.

Diante desse quadro, há que se chamar a atenção para dois relevantes questionamentos feitos por Ortega em relação à pedagogia, associada ao conceito de ensino, enquanto atividade

docente e, portanto, foco de nosso estudo: "Por que existem atividades docentes? Por que a pedagogia é uma atribuição e uma preocupação do homem?" (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 79). O mesmo pensador assim responde:

> o ser humano se ocupa e se preocupa com o ensino por uma razão tão simples quanto severa e tão severa quanto lamentável. Para viver com firmeza, desenvoltura e honestidade é preciso saber enorme quantidade de coisas. E o fato é que a criança e o jovem têm uma capacidade limitadíssima de aprender (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 80).

E complementa: *"a escassez, a limitação da capacidade de aprender, é o princípio da instrução"* (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 80). Assim, a justificativa primeira de todo ato docente relativo ao ensinar se dá pelo fato de que o ser humano possui uma relativa e limitada capacidade cognitiva e, por isso, o ato de aprender todo o saber gigantescamente aumentado e acumulado no decorrer da história humana torna-se impossível.

O mesmo autor destaca que foi a partir de tal acúmulo de informações (a partir do séc. XVIII) que o ensino se intensificou, tornando-se um novo interesse por parte do homem contemporâneo, de forma a exigir também um adequado conjunto de técnicas para o exercício do ensino, de forma a diminuir a lacuna existente entre o volume de saberes e capacidade cognitiva humana.

Assim, diante desse quadro conjuntural pouco favorável ao ensino, Ortega propõe o que ele denomina de "princípio da economia do ensino":

> [...] hoje mais do que nunca o próprio excesso de riqueza cultural e técnica ameaça converter-se em uma catástrofe para a humanidade, porquanto a cada nova geração lhe é mais difícil ou impossível de absorvê-lo. Urge, pois, instaurar a ciência do ensinar, seus métodos, suas instituições, partindo deste humilde e esmirrado princípio: a criança ou o jovem é um discípulo, um aprendiz, e isto quer dizer que um ou outro não pode aprender tudo o que teria de ser-lhe ensinado – *Princípio da economia do ensino* (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 83, grifo do autor).

Diante disso, vale destacar que, segundo Ortega, o ponto de partida para a reforma universitária e, consequentemente, do ensino é o próprio estudante, e não o saber acumulado, ou até mesmo o professor, enquanto sujeito responsável pelo processo de ensino. Assim indica Ortega acerca do ponto de partida: "O que ele é [o estudante], com diminuta capacidade para adquirir saber, e *o que ele precisa saber para viver"* (ORTEGA Y GASSET,

1999, p. 84, grifo meu). Dessa forma, dois fatores se fazem relevantes no tocante à proposta de Gasset:

a) a realidade enquanto ponto de partida para a transformação educacional;

b) uma possível seleção curricular a ser feita, de forma a atender à necessidade real e existencial do estudante.

Contudo, em relação a este último fator, questiona-se em sintonia com Ortega: como identificar e promover o ensino do conteúdo mínimo possível? O pensador aponta duas questões norteadoras de tal questionamento (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 86):

> 1º) ficando apenas com aqueles considerados estritamente necessários à vida do homem que hoje é estudante. A vida verdadeira e suas inevitáveis premências é o ponto de vista que deve nortear esse primeiro golpe de poda.
> 2º) isto que ficou para ser julgado estritamente necessário tem de ser ainda reduzido ao que, de fato, o estudante pode aprender com soltura e plenitude (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 86).

Com relação ao *ensino*, à *pesquisa* e à *ciência*, atividades diretamente ligadas à universidade, Ortega assim os distingue:

> [...]*não é ciência aprender uma ciência nem ensiná-la*, nem tampouco usá-la ou aplicá-la [...]. Saber não é pesquisar. Pesquisar é descobrir uma verdade ou seu oposto: demonstrar um erro[...]. A ciência é criação, e a ação pedagógica se propõe apenas ensinar essa criação, transmiti-la, injetá-la e digeri-la(ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 89-90, grifodo autor).

E encerra a distinção entre as práticas educacionais propondo um encaminhamento: "Pretender que o estudante normal seja um cientista é, de imediato, uma pretensão ridícula" (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 91). Portanto, uma vez que tal diferenciação entre as atividades pedagógicas seja clara, precisa e real, a reforma da universidade e, portanto, do processo de ensino, também o será.

Destaca-se, ainda, que a distinção entre ciência e profissão se torna clara e evidente em Ortega. Assim confirma:

> é preciso, portanto, sacudir a árvore das profissões de um excesso de ciência, a fim de que dela reste o estritamente necessário e se possa cuidar das próprias profissões, *cujo ensino se acha por completo em estado silvestre*. Neste ponto está tudo por começar (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 95, grifo do autor).

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

No tocante ao papel da universidade, salienta-se que é necessário romper com a finalidade de se formar unicamente cientistas, especialmente aqueles que buscam única e exclusivamente aprender o ofício de uma profissão.

Vida Humana e Cultura em Gasset

Segundo Gasset,

> cultura é o sistema de ideias vivas que cada época possui. Ou melhor, o sistema de ideias *a partir* das quais o tempo transcorre. Porque não há jeito nem evasão possível: o homem vive sempre a partir de algumas ideias determinadas, que constituem o chão onde apoia sua existência (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 98-99, grifo do autor).

A palavra-chave que norteia o conceito de cultura em Gasset é "ideia", ou no plural, "ideias". Trata-se de concepções a partir das quais o indivíduo organiza e orienta a sua vida, realiza escolhas e justifica seus posicionamentos éticos e volativos.

Observa-se, ainda, certa e possível proximidade entre o conceito de cultura em Gasset com o de *ideologia*, no seu sentido positivo, compreendido enquantoum

> [...] conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer (CHAUÍ, 1980, p. 113).

Tomando como referência a definição de Gasset, constata-se a importância que a cultura exerce para a existência humana, uma vez que, ainda que de forma involuntária, é ela que fundamenta as opções existenciais, os posicionamentos, a concepção ética (certo e errado) e o senso de verdade e/ou falsidade do sujeito. Enquanto força externa,a cultura é a responsável por fundamentar as escolhas humanas. Todavia, Ortega alerta que

> a quase totalidade dessas convicções ou "ideias" o indivíduo não as engendra *à la* Robinson Crusoé, mas sim as recolhe de seu meio histórico, de seu tempo [...]. Mas há sempre um sistema de ideias vivas que representa o nível superior do tempo, um sistema que é plenamente atual. Tal sistema é a cultura (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 101).

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

Diante da complexidade e da importância que a cultura assume para os indivíduos que vivem e convivem num contexto histórico e geográfico, há de se admitir que uma plenitude e/ou completude seja(m) qualidade(s) essencial(is) a ela, justamente pelo fato de se posicionar enquanto orientadora da existência humana. Contudo, Gasset problematiza a questão ao afirmar que

> o homem que não vive à altura de seu tempo, vive debaixo daquilo que seria sua autêntica vida, ou seja, falsifica ou rouba sua própria vida, ele a desvive.
> Hoje atravessamos – indo de encontro a certas presunções e aparências – uma época de terrível incultura (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 105).

Tal incoerência, por sua vez, é a responsável por angariar da universidade uma função também de exclusiva importância e necessidade: a de ensinar a cultura plena do tempo, ou seja, "[...] de fazê-lo desvendar com clareza e precisão o gigantesco mundo presente, onde tem de encaixar sua vida para que ela seja autêntica" (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 105-106).

Em contrapartida, Ortega novamente alerta em relação ao perigo da especialização promovida pelo exercício do ensino:

> urgeque o homem de ciência deixe de ser o que hoje é com deplorável frequência: um bárbaro que sabe muito a respeito de uma determinada coisa[...]. Tudo preme para que se torne uma nova integração do saber, que hoje anda em pedaços pelo mundo (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 110).

Dessa forma, ainda que seja uma orientação destinada ao homem de ciência, Ortega reforça a importância de se, na atualidade, promover uma pedagogia de ensino cuja natureza seja a de um saber global, holístico, que não desconsidere a importância de conhecimentos específicos, mas que não os considere como sendo os de primeira importância.

Contudo, em sintonia com o filósofo espanhol, questiona-se: que técnica seria a mais apropriada para que possa ser usada na transmissão do acúmulo de saber historicamente construído? Ortega propõe "[...] a necessidade de criar eficientes sínteses e sistematizações do saber para ensiná-las na "Faculdade" de Cultura, irá fomentando um gênero de talento científico que até agora só se produziu por acaso: o talento integrador" (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 111-112).

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

Nesse sentido, a proposta de Ortega seria a de uma ação pedagógica inversa à da especialização, isto é, um ensino integrador. O esforço, aqui, é a de elaboração de uma síntese total, a fim de que possa, pela universidade (e pelo ensino básico?) ser ensinada ao sujeito que nela ingressa e busca conhecimentos que o capacitem a exercer uma dada profissão ou que o possibilite uma dedicação exclusiva ao exercício e a promoção da ciência.

Estudo e Curiosidade em Gasset

No tocante ao estudo e à curiosidade inerente ao indivíduo, na compreensão orteguiana, há de se admitir um princípio a partir do qual seu posicionamento é feito e externalizado: *o ser humano, ao dispor-se a estudar, precisa assumir uma necessidade que não lhe é natural*. Isso se dá pelo fato de que estudar, na concepção de Ortega, é uma ação considerada fora do normal, incomum, antinatural para o sujeito e, por isso, encontra-se numa situação equívoca. Assim expressa:

> damo-nos conta de que o estudante é um ser humano, masculino ou feminino, a quem a vida impõe a necessidade de estudar ciências sem delas ter sentido uma imediata e autêntica necessidade. Se deixarmos de lado alguns casos excepcionais, reconheceremos que, na melhor das hipóteses, o estudante sente uma necessidade sincera, embora vaga, de estudar "algo", algo *in genere*, isto é, de "saber", de se instruir (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 4).

Se assim o for, eis um quadro pouco favorável às instituições responsáveis pelo ensino na atualidade: promover ações que vão contra a própria natureza humana, paradoxotal que será refletido mais adiante.

Contudo, Ortega não deixa de aceitar a existência de outro tipo de sujeito que se lança rumo à aprendizagem, distinguindo-o do simples estudante: o de criador de saber que, diferentemente do estudante normal, sente "[...] não um vago desejo de saber, mas uma concretíssima necessidade de averiguar uma determinada coisa" (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 4). Ortega constata que, no decorrer da história, muitas foram as personalidades que se dedicaram à construção do saber (ciência) que, por sua vez, diferenciam-se essencialmente dos estudantes comuns. Tal distinção entre os sujeitos aprendentes é assim expressa:

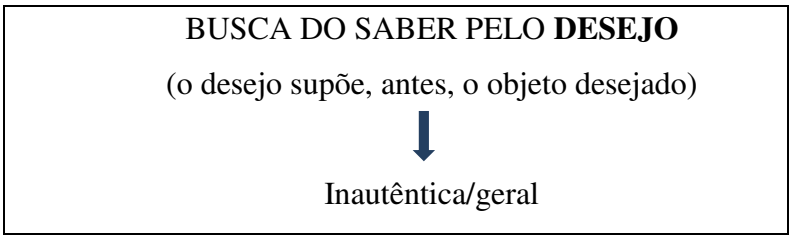
Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

> [...] o desejo de saber que o bom estudante possa sentir é completamente heterogêneo, talvez mesmo antagônico, com o estado de espírito que levou à criação do saber. A situação do estudante perante a ciência é oposta à do criador. Senão vejamos: a ciência não existe antes do seu criador. O criador não se encontrou primeiro diante da ciência tendo, posteriormente, sentido necessidade de a possuir(ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 4).

Diante dessas ideias, deve-se enumerar, tomando como referência o posicionamento de Ortega (1933), duas possibilidades e/ou motivações que levam o ser humano a saber algo: o *desejo*, que supõe que exista a coisa desejada antes mesmo do desejo, e a *necessidade*, esta sim, uma vez que é prévia à existência da própria ciência. Dessa forma, a busca humana pelo saber não deve ser ancorada e/ou fundamentada no desejo, mas sim pela necessidade, sendo que é a necessidade que possibilita um saber autêntico, natural, caracterizado pela busca e construção ativa em prol de respostas geradas a partir de perguntas e questões feitas pelo próprio indivíduo buscante, e não por outrem e, portanto, inautêntica.

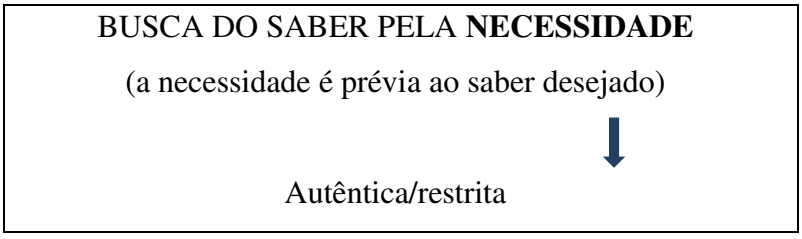
Sinteticamente, assim pode se apresentar esta distinção:

Figura 1 – O Saber pelo Desejo



Fonte: os autores

Figura 2 – O Saber pela Necessidade



Fonte: os autores

Compreende-se, aqui, que Ortega propõe a distinção entre o sujeito que constrói o saber (saber pela necessidade) e o sujeito que estuda esse saber (saber pelo desejo). Quanto ao último, isto é, o sujeito que busca o saber pelo desejo, "na melhor das hipóteses, repito, o

estudante gosta da serrania da ciência, é atraído por ela, acha-a bonita, ela promete-lhe triunfo na vida. Mas, nada disto tem a ver com a necessidade autêntica que está na origem da criação da ciência" (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 4).

Nesse sentido, a eficácia do ensino será irreal, impossível, justamente pelo fato de que não fora uma construção própria, originada da própria necessidade inerente ao sujeito. Em relação ao indivíduo que busca o saber pela necessidade, segundo Ortega (1933), é o que se configura enquanto autêntico, ou seja, em sintonia com a sua própria natureza, ainda que não seja possível a todos os seres humanos, afinal,

> a prova está em que esse desejo geral de saber é incapaz, por si só, de se concretizar num saber determinado. Além disso, repito, não é propriamente o desejo que está na origem do saber mas a necessidade. O desejo não existe se, previamente, não existir a coisa desejada [...] (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 4-5).

Somente a partir de uma busca pelo saber alicerçada na necessidade é que será possível e eficaz o processo de ensino. A opção de Gasset pela busca do saber originado da necessidade (e não do desejo de conhecer) se dá pelo fato de que "aquilo que não existe ainda, não pode provocar o desejo. Os nossos desejos são desencadeados pelo contato com o que já está aí" (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 5). Sendo assim, confirma-se a inautenticidade da busca pelo conhecimento feita pelo estudante comum. Em contraposição, a busca do saber pela necessidade configura-se como autêntica e profícua, uma vez que

> [...] a necessidade autêntica existe sem que aquilo que poderia satisfazê-la tenha que lhe preexistir, ao menos em imaginação. Necessita-se precisamente daquilo que não se tem, do que falta, do que não existe. E a necessidade, a falta, são-nos tanto mais quanto menos se tenha, quanto menos exista aquilo que se necessita (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 5).

Ainda, de forma a complementar este trecho, Ortega assim conclui sua argumentação e posicionamento em relação ao ensino:

> se a ciência não estivesse já aí, o bom estudante não sentiria qualquer necessidade dela, quer dizer, não seria estudante. Estudar é para ele uma necessidade externa, que lhe é imposta. Portanto, ao colocarmos o homem na situação de estudante, este é obrigado a fazer algo de falso, a fingir uma necessidade que não sente (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 5).

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

Diante de tais afirmações, torna-se importante pontuar alguns elementos. O primeiro é em relação à ideia de uma não generalização, ou seja, Ortega evidencia que, nas distinções feitas entre o sujeito que busca o saber motivado pelo desejo e o que o busca pela necessidade não são aplicadas universalmente, uma vez que existe a possibilidade de exceções e, como tal, devem ser consideradas.

A segunda é em relação ao seguinte paradoxo: o estudante, embora não sinta uma necessidade direta do saber científico, vê-se forçado a dedicar-se a ela. De forma a intensificar ainda mais o quadro desfavorável ao ensino, problematiza-se a questão a partir da afirmação de que, ao buscar o conhecimento, os sujeitos estudantes encontram, ainda, o conhecimento científico já decomposto e organizado em disciplinas, quase inacabado, quase pronto para ser ensinado e, ainda, acumulado no transcorrer da história humana. Diante dessa realidade,

> e quem poderá pretender que um jovem, num certo momento da sua vida, possa sentir uma efetiva necessidade por uma ciência determinada inventada um belo dia pelos seus antecessores? [...]. Não tenhamos ilusões: com um talestado de espírito, não se pode chegar a saber o saber humano. Estudar é poisalgo constitutivamente contraditório e falso. O estudante é uma falsificação do homem. Ser homem é ser propriamente só o que se é autenticamente, por íntima e inexorável necessidade (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 7-8).

Se assim o for, de que forma deve proceder, então, o processo pedagógico, isto é, o ensino? Ortega propõe que é"[...] deste paradoxo tão cruel que, em minha opinião, deve partir a reforma da educação" (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 8). Portanto, para que seja possível a construção de uma proposta pedagógica de acordo com as reais necessidades humanas de um dado contexto histórico e geográfico, urge repensar todo o processo e, por sua vez, considerar todos esses elementos destacados pelo filósofo.

Nessa sintonia, Morin (2002) propõe que

> [...] o recorte das disciplinas impossibilita apreender "o que está tecido junto", ou seja, segundo o sentido original do termo, o complexo [...]. Não se trata de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese; é preciso conjugá-las (MORIN, 2002, p. 41.46).

Contudo, diante dessa realidade, questiona-se: que ideias devem ser propostas para que a ação humana de estudar seja profícua e eficaz? Embora seja real a "tragédia constitutiva da pedagogia" (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 8), Ortega defende que, ainda assim, é

preciso estudar, embora seja distinta a ação de se fazer uma ciência de, meramente, estudá-la.Assim, Ortega propõe uma reforma do ato de estudar, isto é, uma reforma do próprio estudante e, para isso, "[...] é necessário virar o ensino do avesso e dizer: ensinar é primária e fundamentalmente*ensinar a necessidade de uma ciência* e não ensinar uma ciência cuja necessidade seja impossível fazer sentir ao estudante" (ORTEGA Y GASSET, 1933, p. 10, grifo meu).

Dessa maneira, reformar o processo de ensino passa pela iniciativa de, ao invés de se ensinar conteúdos, saberes, conhecimentos construídos e acumulados no decorrer da história da humanidade, criar e/ou despertar a própria necessidade de se fazer ciência e, dessa forma, alterar o posicionamento do estudante diante dos conhecimentos, ou seja, de receptor passivo de saberes científicos construídos e/ou elaborados por outrem a produtor ativo de conhecimentos suscitados a partir de perguntas reais, originadas da própria realidade humana, caracterizada pela busca constante de conhecer o (ainda) desconhecido e, assim, qualificar ainda mais a sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Chegou a ser um assunto bastante premente e inescusável da humanidade inventar uma técnica para tê-los adequadamente com a acumulação de saber que hoje possui. Se não encontrar meios fáceis para dominar essa vegetação exuberante, o homem por ela será sufocado (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 111).

O posicionamento de Gasset em relação ao processo de ensino, cuja finalidade seja a aprendizagem, mostra-se de forma clara e distinta. Contudo, destaca-se que sua profundidade e/ou importância reside no fato de que justifica e/ou explica inúmeros problemas encontrados no processo de ensino na atualidade como, por exemplo, o desinteresse da maioria dos estudantes pelos estudos e a opção de se rever, constantemente, os conteúdos a serem contemplados no currículo, afinal, "reconhecer a escola como lugar de mudanças sociais e criação identitária reforça a necessidade de um currículo mais sintonizado com a vida, a ambiência política, o mundo do trabalho, as diversidades culturais da humanidade" (GOMES *et al*, 2014, p. 24).

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 66-87 | Dez. 2016
Recebido em: 22.05.2016 Aprovado em: 05.10.2016

Nesse sentido, Ortega reflete sobre o processo de ensino de forma peculiar e própria, pressionando os profissionais ligados diretamente à educação a pensarem e/ou repensarem objetivos, ações e configurações acerca da oferta do ensino na atualidade, afinal, "toda evolução é fruto do desvio bem-sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu: desorganiza o sistema, reorganizando-o" (MORIN, 2002, p. 82).

Frente aos questionamentos e apontamentos feitos por Ortega no tocante ao ensino na atualidade, embora não seja foco e objetivo desta reflexão, vale encerrar esta reflexão propondo algumas questões posteriores: que ensino temos? Que ensino queremos? Quais os recursos e possíveis ações dos quais dispomos para que ele seja profícuo, adequado e que atenda aos seus reais objetivos? Ainda que não seja o único caminho, vale a pena considerar que

> a complexa circunstância da universidade [e a educação básica?] contemporânea só pode ser bem compreendida se levamos em conta as modificações ocasionadas pela introdução de outra poderosa tecnologia da informação: a revolução dos meios digitais (CASPER & ISER, 2002, p. 22, acréscimo meu).

Abstract: This article presents the main contributions of Jose Ortega Y Gasset to the teaching process at the present time. Heavily influenced by the neo-Kantian philosophy, the interest here turns to the philosopher as educator. Gasset, in the course of the phases that characterize his intellectual journey (Idealistic, Vitalistic and Maturity), sees the act of studying as being contrary to human nature, since the search for knowledge must be originated from necessity, not desire, and there you this separates the teaching of science education (for the average student) from the production of research (intended for the researcher). On this proposal, in line with these current problems, this article aims to rethink the entire teaching process in the light of a proposal that considers the historical and geographical reality as a starting point for a necessary educational improvement.

Keywords: Education; Teaching; Ortega y Gasset.

Resumen: Este artículo presenta las principales contribuciones de José Ortega y Gasset en el proceso de enseñanza en la actualidad. Fuertemente influenciado por la filosofía neo-kantiana, el interesa qué se convierte en el filósofo como educador. Gasset, en el transcurrir de las fases que caracterizan su recorrido intelectual (Idealista, Vitalista y Madurez), concibe el acto de estudiar cómo siendo contrario a la naturaleza humana, una vez que la búsqueda por el saber debe ser originada de la necesidad, no del deseo y, con eso, distingue la enseñanza de la ciencia (destinado al estudiante común) de la producción de investigación (destinada al investigador). Delante esta propuesta de acuerdo con los problemas actuales, este artículo pretende repensar todo el proceso de enseñanza a la luz de una propuesta que tenga en cuenta la realidad histórica y geográfica como punto de partida para una necesaria mejora de la educación.

Palabras clave: Educación; Enseñanza; Ortega Y Gasset.

REFERÊNCIAS

CASPER, G.; ISER, W. **Futuro da universidade**. Tradução Bluma Waddington Vilar. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. (Coleção Universidade)

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Coleção Primeiros Passos)

DORNAS, D. S. **A filosofia política de Ortega y Gasset**. 15 de Fevereiro de 2004. Disponível em: <http://criticanarede.com/ortegapolitica.html>. Acesso em: 27 jan. 2016.

GOMES, C.et al. **Uso de tecnologias de informação e comunicação em cursos de graduação:** uma experiência em educação a distância. Assis: Storbem Gráfica e Editora, 2014. (Coleção Pesquisa)

HILSDORF, M. L. S. **Pensando a educação nos tempos modernos**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2005. (Acadêmica: 19)

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

ORTEGA Y GASSET, J. Apontamentos para uma educação para o futuro. In "**Mision de la Universidad"**, Madrid: Alianza Editorial, 1982, p. 225-238. Disponível em: http://www.ime.usp.br/~pleite/pub/artigos/ortega/apontamentos_para_uma_educa%C3%A7%C3%A3o_para_o_futuro.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2016.

_____.**La pedagogía social como programa político**.Conferencia leída en la sociedad "El Sitio", de Bilbao, el 12 de marzo de 1910, p. 76-96. Disponível em: <http://www.madrid.org/cs/Satellite?blobcol=urldata&blobheader=application%2Fpdf&blobheadername1=Content-Disposition&blobheadervalue1=filename%3Dparticipacion_08.pdf&blobkey=id&blobtable=MungoBlobs&blobwhere=1158617688340&ssbinary=true>. Acesso em: 27 jan. 2016.

_____. **Missão da universidade**. Tradução Dayse Janet Löfgren Carnt e Helena Ferreira. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. (Coleção Universidade)

_____. **Sobre las carreras**. Primera edición digital. Buenos Aires, 2002. Disponível em: <http://www.hermanotemblon.com/biblioteca/Literatura%20en%20General%20/Ortega%20y%20Gasset,%20Jose/Ortega%20y%20Gasset,%20Jose%20-%20Carreras.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2016.

_____. **Sobre o estudar e o estudante**. [Texto publicado autonomamente em *La Nation*]. Buenos Aires: 1933. Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~pleite/pub/artigos/ortega/o_estudar_e_o_estudante.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2016.

SÁNCHEZ, J. E. **Ortega y Gasset**. Trad. José Gabriel Perissé Madureira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

SOVERAL, E. A. de. Sobre a noção orteguiana de filosofia. **Revista da Faculdade de Letras – Filosofia**, 1970. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1269.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2016.